

# Armadilhas, encruzilhadas e descobertas: as viagens em “A viagem”, de Arnaldo Santos

Rosa Maria Santos Mundim\*

## Resumo

No conto “A viagem”, de Arnaldo Santos, o africano Laurindo volta para casa depois de um dia de trabalho e encontra-se com a portuguesa Noémia, sua colega de escritório. Neste momento, ele inicia duas viagens: uma exterior, caminhando pelas ruas de Luanda, olhando para as pessoas e a cidade ao cair da noite, tentando conversar com Noémia de maneira natural. Na outra, ele olha para dentro de si mesmo, refletindo sobre sua identidade como africano, num retrato de seu próprio país, que tenta se construir como nação, após a independência de Portugal. Enquanto faz essas viagens, Laurindo se questiona sobre sua imagem de “colonizado” e sente que vai enfrentar um momento decisivo em sua vida.

Palavras-chave: “A viagem”; Imagem de colonizado; Nação; Arnaldo Santos.

VIAGEM, VIAJANTES...

Escrevo sempre como se comesse funje com as mãos mesmo quando utilizo garfo e faca.  
(João MELO)

**O**romancista, poeta e contista Arnaldo Santos, autor de “A viagem”, esteve sempre ligado a movimentos literários e políticos de sua terra: fez parte do movimento conhecido por Grupo da Cultura como militante do MPLA. Foi também membro fundador da União dos Escritores Angolanos, diretor do Instituto An-

---

\* Curso de Letras do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Doutoranda – PUC Minas.

golano de Cinema e dirigente de empresa editora. Em sua caminhada como artista e cidadão de Angola, teve diante dos olhos as variadas etapas pelas quais o país foi passando na busca da construção de sua identidade. Como era esse país em que vivia o escritor e que foi sendo mostrado em suas obras?

Em seu ensaio "Geração de 50: percurso literário e sua importância na luta de libertação de Angola", o escritor Jofre Rocha explica como era o país em que Arnaldo Santos sempre viveu e que ajudou a libertar:

A sociedade angolana era então marcada por uma nítida clivagem entre os diversos estratos sociais que a compunham e em que cabia toda a supremacia ao poder colonial, cuja política de assimilação visava acima de tudo "domesticar" e despersonalizar o homem angolano, procurando levá-lo a renegar os seus valores, as suas crenças, a sua fé, menosprezando o seu próprio universo cultural. (ROCHA, 1997, p. 221)

Mesmo oprimida por essa colonização, que tudo fez para anular os sentimentos de nacionalismo, surgiu a Geração de 50, "como voz dos que querem trilhar o seu próprio caminho e também como voz de reivindicação e protesto, constituída por poetas e prosadores cuja obra se preocupa antes de mais nada em refletir vivência e problemas dos angolanos" (ROCHA, 1997, p. 221).

Os jovens poetas criaram, para divulgar suas idéias, a revista **Mensagem**. Alguns deles partiram para Portugal, a fim de completar seus estudos universitários e lá, na "Casa dos Estudantes do Império", organizaram-se junto a outros estudantes das colônias e conseguiram produzir obras literárias que chamariam a atenção para os dramas vividos pelos povos de sua terra natal. E essa obra de cunho nacionalista "viria a consubstanciar-se em organizações políticas cuja ação contribuiria para a libertação desses territórios do jugo colonial português" (ROCHA, 1997, p. 222).

Nos primeiros anos após a Independência, as obras literárias tinham uma nítida linha de nacionalismo, protesto e reivindicação social. Mas, segundo Russell Hamilton, na introdução do livro **África & Brasil: letras em laços**, após essa primeira fase de grande combatividade, "a relativa liberdade de expressão encorajava escritores, tanto veteranos como novos, a cultivar obras menos panfletárias ou pelo menos com maior cuidado formal" (HAMILTON, 2000, p. 23). E Arnaldo Santos, poeta e prosador que se iniciara na literatura ainda nos tempos coloniais, já pressentia que "o escritor que só punha ênfase numa mensagem política ou patriótica corria o risco de cair no lugar-comum" (HAMILTON, 2000, p. 24). Talvez tenha sido a consciência desse fato que levou o escritor angolano a criar uma obra de matizes ricos e variados, centrada nos problemas do homem africano, mas também capaz de atingir uma dimensão universal.

O conto "A viagem", do livro **O cesto de Katandu e outros contos** (1986), foi escrito na época em que o país, vencida já a luta pela libertação de Portugal, travava

outras lutas para se construir como nação independente, orgulhosa de suas raízes e tradições. Uma dessas lutas era fazer com que um povo, que durante muitos anos vivera à sombra do colonizador, moldado à sua imagem, pudesse de novo encontrar sua face primitiva e verdadeira. Na busca dessa identidade, muitas ambigüidades afloram, porque a imagem do colonizador ainda se fazia forte e presente, apesar de não mais ser detentora do poder. E essa descoberta significava uma longa caminhada, muitas vezes difícil e dolorosa, uma verdadeira “viagem”.

Nessa viagem que os personagens Laurindo e Noémia fazem pelas ruas de Luanda, o narrador vai colocando questões que às vezes ficam sem respostas; palavras que se calam antes de serem ditas; gestos que se esboçam, mas se perdem nas barreiras que ainda permanecem, mesmo dissimuladas. Eles representam duas culturas que, embora tenham vivido aparentemente próximas tantos anos, continuam ainda distantes. Ao final da caminhada, uma decisão terá de ser tomada e isso pode representar definição de uma atitude perante a própria vida.

A poetisa angolana Alda Lara propõe em uma de suas poesias:

Que as minhas mãos brancas  
se estendam para estreitar com amor  
as tuas longas mãos negras...  
E o meu suor,  
quando rasgar nos trilhos  
de um mundo melhor.  
Vamos!

Na vida real dos jovens países africanos haveria lugar para a realização dessa viagem partilhada?

## O INÍCIO D’A VIAGEM: O LARGO, O PASSADO. O ENCONTRO

Produzir na palavra  
é cantar no poema  
todas as raízes  
deste chão.  
(Manuel RUI)

Desde o início do conto, já se delineia no espaço apresentado ao leitor um descompasso entre o universo do colonizador e o do colonizado: o largo, ligado à tradição africana nas lembranças de Laurindo, embora ainda tenha a estátua popular da “Maria da Fonte”, teve o seu nome mudado para “Largo dos Lusíadas”, referência ao poema que é símbolo das glórias e conquistas portuguesas. As construções antigas foram demolidas para dar lugar a prédios modernos. A própria linguagem em que a

narração se faz, num português permeado de palavras e expressões africanas, também reforça a ambivalência de uma sociedade onde culturas distintas foram forçadas a conviver.

Laurindo, o jovem angolano, está no Largo, à tardinha. A um fechar de olhos, porém, a sua memória traz de volta o tempo da infância. A presença da noite que se aproxima faz com que ele mergulhe “naqueles tempos com suas histórias e lendas” (SANTOS, “A viagem”, 1986, p. 34).<sup>1</sup> Para Laurindo, postar-se no largo ao cair da tarde é uma forma de voltar ao passado, encontrar-se com suas tradições. O passeio solitário e a magia do momento são quebrados, no entanto, pela pergunta da portuguesa Noémia: “Então... está a sonhar a esta hora?” (p. 34).

#### A VIAGEM CONTINUA: A RUA, O PRESENTE, O OUTRO

Não me descobri na vida  
e selvas desbravadas  
escondem o caminho  
porque hei-de passar  
(Agostinho NETO)

Desde a primeira fala, a lisboeta Noémia mostra-se à vontade, dona do seu espaço. “Colega da repartição”, “menina de elegância”, uma “mão pequena” cujos macios dedos (em contraste com a mão calosa do rapaz), fazem Laurindo lembrar-se da “sumaúma”, uma comparação que lhe vem à mente, mas que ele não é capaz de revelar em voz alta. A partir daí, então, o narrador divide em dois o angolano: o jovem produz um discurso interiormente entremeado de vocábulos africanos, revelador de seus sentimentos verdadeiros, que ele censura e não ousa dizer em voz alta. Outro discurso, certamente aprendido e treinado durante o processo de “assimilação” e com que se dirige a Noémia, faz-se num português padronizado e tradicional, e dissimula suas idéias reais.

Laurindo tinha na Repartição fama de ser “de poucas falas”, um rapaz que “não avançava”, “não pisava o risco”, era “respeitador”, e tudo faz para preservar essa reputação, pois a opinião dos colegas lhe agrada. Esse apuro é refletido até na aparência exterior, observada pela moça: “Noémia: também lhe sorriu quando ele com

---

<sup>1</sup> Daqui em diante, as citações indicarão apenas o número da página.

educação lhe deu a parte de dentro do passeio. Tinha maneiras. Limpo. A calça bem vincada de terilene caía no espelho dos sapatos engraxados” (p. 36).

Estranhamente, a Laurindo não agrada o gesto de superior simpatia da colega – “Mas era aprovação que dispensava, não carecia” (p. 36). Ainda mais que, nas opiniões sobre as mudanças no largo, Noémia revela o quanto eles se encontram distantes: “— Então estava a ver a demolição do pardeiro... já não era sem tempo!” (p. 36). As ruínas que a moça vê apenas como “pardeiro” e “capinzal” são parte importante da infância e da cultura de Laurindo. O rapaz sente que ela olharia o mundo de suas estórias como “costumes bárbaros, crenças selvagens” dos quais sorriria com condescendência. Nesse momento, quando decide se calar, Laurindo já coloca uma barreira entre o seu mundo e o de Noémia.

A partir do momento em que se sente “o outro”, o “diferente” em relação à lisboeta, Laurindo passa a ter consciência da presença dos africanos em volta dele, a preocupar-se com a sua opinião sobre a companhia da colega de outra raça: “Na rua também parece que já lhe estavam a olhar de um modo diferente” (p. 37). E outro detalhe contribui para agravar ainda mais o clima de separação: Noémia passa a falar de Lisboa, revelando uma postura de superioridade, “visivelmente orgulhosa.” Outra barreira se forma, pois assim como ela não conhece sua infância de angolano, ele também não conhece Portugal: “Mas ele estava outra vez de fora. Não podia dividir, partilhar os conhecimentos dos costumes, porque as coisas do puto e da sua cultura ele carecia também viver para se sentir igual, para se defender” (p. 40).

A atitude da moça abre “cicatrices enterradas”, faz Laurindo voltar ao tempo da infância, quando ele percebia bem as diferenças entre as crianças nativas e os filhos dos portugueses. Na época da infância, porém, ao contrário de agora, ele se sentia livre: “Kinaxixe inteiro era uma casa com telhado de céu largo na sua amplidão azul e eles eram pombos verdes de alto vôo, ninguém lhes podia atingir a esperança que levavam no peito, o orgulho de filhos da terra. Podiam desprezar ainda as distinções” (p. 40). Imerso de novo em suas lembranças, ele é acordado mais uma vez pela voz de Noémia: “— Então Laurindo vai outra vez calado. Está a sonhar?” (p. 40).

## A ESCOLHA DO CAMINHO: O ANOITECER, A ENCRUZILHADA. O DESAFIO

Todo caminho é belo se cumprido  
ficar no meio é que é perder o sonho.  
(Alda LARA)

Mas Laurindo não está a sonhar. Está preocupado com os gracejos que sua presença ao lado da colega branca podem provocar e, para evitá-los, “correu subitamente para o passeio contrário” (p. 41), quase sendo atropelado por um táxi, surpre-

endendo e embaraçando a moça, “ele que era tão discreto” (p. 42). Não é capaz de explicar-lhe que tentava protegê-la, com receio de parecer atrevido. Noémia então passa a caminhar na sua frente e eles permanecem calados. A frágil aproximação inicial havia se rompido, já não se têm mais nada a dizer um ao outro.

Na alameda a confusão é grande, os pares se desencontram, Laurindo sente-se aliviado por poder ficar distante de Noémia. Mas tem de aproximar-se dela novamente, quando os passeios, por um irônico contraste com a sua sensação de aprisionamento, voltam a ficar “largos e livres”. Sente a obrigação de reiniciar a conversa, para que não o confundam “com um calcinha atrevido querendo abusar a branca alheia” (p. 43). E a moça também sente necessidade de falar para preencher o vazio: começa a fazer comentários sobre as lojas, como se falasse para si mesma...

A caminhada parece chegar ao fim, para alívio do rapaz – e eles então tomariam o seu rumo, para destinos já previamente traçados, cada um de volta às suas origens e lugares oficiais. “Bastava passar o café Punta del Paso. Ela ia desviar para a CAOP enquanto ele iria continuar sempre até no musseque” (p. 43). Também para a moça, já agora a presença de Laurindo começa a ser um fardo: “Começava a sentir a presença do colega como alguma coisa que estava a carregar consigo, que começava a pesar-lhe, adereço que não era próprio para a sua toaleta...” (p. 44).

Ela também percebe, como Laurindo já sentira antes, o olhar desaprovador de duas mulheres idosas e sente-se aborrecida. Mas a chegada de Mário (um do seu próprio grupo) livra Noémia da situação incômoda. Ao correr, nervosa, em direção ao noivo, a moça não deixa de notar, no rosto dele, a expressão “divertida”. Laurindo também percebe o olhar de superioridade com que Mário o inspeciona, “dos seus sapatos bem engraxados até a carapinha acamadinha com cuidado” (p. 45). Então o angolano toma uma decisão e aproxima-se do casal.

Espera pelas palavras de praxe de uma apresentação. Noémia, porém, nem lhe diz o nome, apenas se refere a ele como “um colega de repartição” e permanece parada, sem falar mais nada. Laurindo “caiu então dentro de si mesmo como no fundo de uma barrota de piteiras. Tinham-lhe apanhado desta vez” (p. 46). Está preso numa armadilha de que não pode sair; convocado para uma batalha que ainda não se sente capaz de lutar. Tem de, primeiro, partir em busca de si mesmo. E sua resposta ao desafio é abandonar a arena, virar as costas ao encontro desde o início “condenado”.

O DESTINO: UM PAÍS. O FUTURO. CAMINHOS?

Existir e viajar se confundem.  
(Benedito NUNES)

No **Novo dicionário Aurélio**, a palavra “viagem” tem a definição de “ato de ir

de um a outro lugar relativamente afastado”. Subvertendo esse conceito, Arnaldo Santos coloca, num tempo e espaço relativamente limitados – entre a tardinha e o anoitecer, pelas ruas de Luanda, dois personagens – Laurindo e Noémia – que percorrem, no entanto, um longo trajeto entre o presente e o passado, carregando consigo anos e anos de uma história de domínios e colonização, numa tentativa de vencer barreiras e preconceitos, chegando, por fim, a uma encruzilhada: seguir em frente, buscar o encontro ou ficar para trás, desistir da viagem?

Ainda em **Brasil & África**: letras em laços, Russel Hamilton (2000) explica que:

Desde o século XVI, existia nos territórios sob o domínio português algo como uma prática de assimilação. Em 1926, António Salazar, primeiro ministro ditatorial de Portugal, oficializou a assimilação nas colónias. Segundo a lei da assimilação, o africano, a fim de ser oficialmente reconhecido como civilizado, tinha que submeter-se a um processo de europeização. Para ser considerado assimilado, o indígena via-se obrigado a abandonar os usos e costumes tradicionais, adotar a religião cristã, falar e ser alfabetizado em português e portar-se sob as normas do sistema imposto pelos colonizadores. (p. 14)

Por uma ironia, porém, ao promover a assimilação dos africanos, os colonizadores deram a eles condições de pensar e liderar os destinos de seus países, pois “constituíram o núcleo da intelectualidade de cujas fileiras viriam muitos dos militantes que eventualmente lutariam contra o colonialismo” (HAMILTON, 1999).

Laurindo seria então, na visão do colonizador, um perfeito “assimilado”, devendo, portanto, acolher a companhia de Noémia na “viagem” com alegria e gratidão. Mas, por trás da aparência meticulosamente europeizada, ele traz dentro de si toda uma cultura herdada de seus ancestrais. E sempre fez parte da cultura africana a noção do homem como um ser ligado à natureza, independente e livre. O encontro com o europeu (Noémia) acaba servindo, paradoxalmente, para despertar e reavivar nele todas as suas marcas e raízes e para mostrar a barreira ainda existente entre antigos colonizados e colonizadores.

A idéia de viagem é um tema constante na literatura de todos os povos, de todos os tempos. Viagem como procura, viagem como travessia, viagem como aprendizagem, viagem como descoberta do mundo e de si mesmo, assim é a caminhada apresentada por Arnaldo Santos. Nessa viagem, Laurindo e Noémia marcam os seus espaços, fazem suas descobertas, tomam suas posições. O final da caminhada, a princípio indefinida (como também é indefinido o momento temporal em que ela acontecia, entre o fim do dia e a noite que se aproximava) vai-se delineando à medida que os dois personagens se aproximam de um ponto de definição.

O marco dessa encruzilhada é Mário: Noémia corre aliviada em sua direção, mas a atitude de condescendente ironia do rapaz leva Laurindo ao gesto de virar as costas e prosseguir na sua caminhada, sozinho – mas em busca dos seus. Para ser

igual, ele terá primeiro de ser “diferente”, buscar suas origens e valorizar sua identidade como africano. Desiste do encontro “condenado” desde o início, porque percebe que, assim como as suas roupas e aparência, as mudanças haviam se dado apenas na superfície. No fundo, todos continuavam cumprindo ainda o antigo papel, que ele não quer mais representar. E decide que ainda haverá um longo caminho a ser percorrido, até que a verdadeira “viagem” partilhada possa ser feita...

## Abstract

In Arnaldo Santos' short-story “A viagem”, the african Laurindo returns home after a day's work to meet his colleague from the office, the portuguese Noémia. This is the moment he begins to travel: one of the trips he takes is exterior, as he walks by the streets of Luanda, looking at people and the city during night-fall, while he tries to talk with Noémia in a plain way. The other trip happens as he looks inside himself, as he thinks about his identity as an african, himself a picture of his own country, which is trying to build itself as a nation after the independence from Portugal. While traveling, then, Laurindo asks himself about his image of “colonizado”, and feels that he is going to face a decisive moment in his life.

Key words: “A viagem”; Image of “colonizado”; Nation; Arnaldo Santos.

## Referências

- HAMILTON, Russel. Introdução. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. **África & Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000, p. 11-36.
- LARA, Alda. Rumo. In: FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban II**. Lisboa: Plátano, 1988.
- LARANJEIRA, Pires. As literaturas africanas de língua portuguesa-identidade e autonomia. In: **Scripta**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 3, n. 6, 1º sem. 2000, p. 237-243.
- MELO, João. Arte poética 72. In: **Poemas angolanos**. Luanda: UEA, 1989.
- NUNES, Benedito. A viagem. In: **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 173-179
- ROCHA, Jofre. Geração de 50 – percurso literário e sua importância na luta de libertação de Angola. In: **Scripta**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 1, n. 1, 2º sem. 1997, p. 220-225.
- SANTOS, Arnaldo. A viagem. In: **O cesto de Katandu e outros contos**. Luanda: UEA, 1986.
- SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. **África & Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.